

Um conto de advertência

Apresentado por Eesha Sardesai

Ao longo dos anos, Gurumayi ensinou e contou muitas histórias sobre o amor de uma mãe pelo seu filho e as responsabilidades que vêm com esse amor. A seguir está uma dessas histórias que ouvi Gurumayi contar em um satsang. Eu a reproduzi para o site do caminho de Siddha Yoga em honra ao Dia das Mães de 2021.

A luz na praça da aldeia estava suave, como costuma ficar quando o dia se aproxima do fim e o sol se põe no céu. Tudo estava quieto – alguém poderia dizer que estava *assustadoramente* quieto, abafado por um tipo de antecipação tensa. Lentamente, o homem se arrastava para frente. Seus ombros estavam curvados, afundando em seu corpo. Pequenas nuvens de poeira irrompiam ao redor de seus pés enquanto ele os empurrava para a frente, poucos centímetros por vez, tanto quanto as grossas correntes que envolviam seus tornozelos permitiam.

As mãos dele também estavam presas, as correntes das algemas firmemente seguras pelo guarda corpulento de queixo quadrado à sua direita. À sua esquerda havia outro guarda, e atrás um terceiro, pronto para cutucá-lo, chutá-lo ou empurrá-lo para a frente caso permanecesse tempo demais em qualquer lugar. O homem, que tinha os olhos fixos no chão, nas pedras cinzas misturadas à areia igualmente cinza, agora levantou os olhos. Uma multidão havia se juntado – uma grande turba, um tropel de pessoas alinhadas e olhando para ele. Alguns esticavam o pescoço para ter uma visão melhor. O homem passou por eles, sua expressão impassível, seu olhar apático, resignado, já morto.

As pessoas na multidão começaram a sussurrar. Que mudança o destino parecia ter forjado! Essa pessoa com as mãos e os pés acorrentados, com o

cabelo todo emaranhado e o rosto coberto de sujeira era aquele *mesmo* homem carismático que vivera entre eles por todos esses anos? O homem que todos adoravam e por quem tinham ficado intrigados – o homem por quem todos tinham se apaixonado desde que era um jovem rapaz? Ele era tão bonito, tão charmoso; seus modos eram impecáveis. E quando ele lhes dirigia aquele sorriso ligeiramente torto e maroto – sempre quando menos esperavam – eles não podiam evitar de querer conhecê-lo, ajudá-lo, confiar nele.

O sol afundou ainda mais no céu, e o homem se arrastava para a frente. Agora a força não estava muito distante. Os espectadores se misturaram em um borrão de cor monótona diante de seus olhos: o homem de bengala, a criança de dentes separados, a mulher de cachos grisalhos e lábios trêmulos...

Houve um ruído de metal quando o homem parou abruptamente. Em algum lugar escuro e distante atrás de seus olhos, uma luz pareceu tremeluzir – e queimar. Ele se virou para os guardas, que olhavam para ele intrigados.

— Tenho um último desejo antes que me levem para minha morte – disse o homem com intensidade repentina, depois fez uma pausa antes de continuar com uma voz mais calculada – Há uma pessoa na multidão para quem eu gostaria de dar uma mensagem. Poderiam, por gentileza, atender o meu pedido?

Os guardas olharam um para o outro, avaliando silenciosamente. Eles se voltaram para o prisioneiro e acenaram com a cabeça brevemente.

— Fico muito agradecido.

O homem se enfiou no meio da multidão, os guardas logo atrás dele, atentos a seus movimentos. Ele se movia com energia renovada – com

urgência, podia-se dizer – até que ficou frente a frente com a mulher de cabelo grisalho que havia vislumbrado alguns minutos atrás.

De perto, ele pôde ver que a mulher estava em prantos. Os olhos arregalados e úmidos, o rosto manchado de lágrimas. Quando parou diante dela, a cabeça dele pelo menos um palmo acima da cabeça da mulher, ela abriu a boca para falar. Tudo o que saiu foi um soluço esganiçado.

O homem se curvou em direção a ela, seu movimento tão gradual, tão infinitesimal, era como se estivesse em câmera lenta. O rosto dele quase roçou no dela e, por uma fração de segundo, parecia que ele iria beijar sua face. Mas então, os cantos da boca do homem se elevaram em uma espécie de careta, ele mostrou os dentes e...

Nhac!

A mulher soltou um grito agudo e pulou para trás, colocando a mão sobre a orelha enquanto o sangue quente e vermelho escorria pela sua face.

— Por... por que você fez isso? — perguntou ela. Sua voz estava engasgada com a dor, a confusão, a incredulidade — Você... você arrancou o lóbulo da minha orelha!

O homem cuspiu no chão diante dela.

— Mãe — disse ele, com um rosnado lento e ameaçador. Seu rosto estava retorcido com repulsa.

— Mãe — o homem repetiu — Diga-me, por que estou sendo levado para minha morte hoje?

A mulher – a mãe desse homem – choramingou, aparentemente incapaz de articular qualquer outra resposta. Ela segurou sua orelha ensanguentada, os dentes batendo enquanto novas lágrimas inundavam seu rosto.

— Fale — disse o homem, naquela mesma voz irritadiça — Não me será dado muito tempo.

— Por... porque — ela finalmente gaguejou — estão dizendo que você roubou as pessoas! Meu querido filho, estão dizendo que você assassinou pessoas! Eu... não posso acreditar que seja verdade, mas mesmo assim... — Ela se calou, o sangue ainda pingando de sua mão.

— Não pode? — disse o homem, calmamente — Você não pode acreditar? Neste caso, mãe, deixe eu te lembrar. Vamos voltar no tempo, para quando eu era um garotinho de poucos anos. Foi quando começou, certo? Foi quando adquiri o hábito de roubar coisas das pessoas.

— Mas aquelas eram coisas pequenas! — exclamou sua mãe — Brinquedos e quinquilharias. E você era tão pequeno naquela época, somente um bebê — e ah, tão doce também — e ninguém se importava se você pegava isso ou aquilo deles.

— E quando eu fiquei um pouco mais velho e estava na escola? Lembra como comecei a pegar os pertences dos meus colegas de sala? Lembra como fiz disso um jogo e comecei a roubar mais e mais e mais?

— Sim, mas...

— E o que você disse então? — reivindicou o homem — Você riu e me disse como eu era inteligente. Você disse que eu era seu menininho perfeito e nada mudaria isso.

— Você só estava sendo curioso com relação ao mundo! Você estava se expressando! — disse a mãe — E você era ainda tão jovem.

— E quando eu fiquei ainda mais velho e me tornei realmente bom em roubar coisas, e me divertia ainda mais com isso? Eu surrapiava um colar do pescoço de uma mulher. Arrancava a carteira do bolso de um velhinho. Ludibriava qualquer um, tirando o dinheiro deles. E quando achava que viriam atrás de mim, eu sabia como me livrar deles. O que você me dizia naquela época?

— Não sei por que você está fazendo isso — disse a mãe, desesperada — Não sei o que está tentando provar. Tudo que eu sempre disse foi o quanto te amava!

— Sim — disse o homem, com uma satisfação soturna — Isso mesmo. Isso foi tudo que você sempre me disse. Isso era tudo o que você me dizia enquanto eu estava crescendo. *Você é fabuloso. Você é especial. Você é ótimo. Você é fantástico. Nada que você faça jamais mudará isso. Você é meu menino precioso. Eu te amo, eu te amo, eu te amo TANTO!*

A voz do homem ecoou pela praça da aldeia. Ouviu-se um grsnado alto vindo da direção de uma árvore próxima quando dois corvos assustados voaram para longe.

— E sabe de uma coisa, mãe? — disse o homem, voltando a sussurrar — Eu acreditei! Acreditei em cada palavra que você disse. Diga-me, se você falava isso todo santo dia, não importava o que eu fizesse, como eu poderia aprender o que é certo ou errado?

— Portanto, não chore agora, mãe — continuou o homem — Esta é a cama que você fez para mim. Este é o destino que você traçou para mim. Seus elogios foram a morte para mim, literalmente. Então vá em frente. Continue a me elogiar. Diga-me como tudo o que faço é tão espetacular. Diga-me como eu não faço nada errado. Mostre-me esse amor sobre o qual você fala.

Com um último olhar depreciativo para sua mãe, o homem subiu no cadasfalso. O sol se derretia na linha do horizonte, um pigmento vermelho sangue vazava no céu alaranjado. A multidão escarnecia. De algum lugar no meio daquele mar de gente, ouviu-se um soluço abafado.



© 2021 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.